

A MEMÓRIA - A LEVEZA - O OLHAR - O OLFATO - O TATO - O JOGO: TRANSEUNTE, DE ERYK ROCHA¹

Ana Paula Alves Ribeiro *

RESUMO

O filme *Transeunte*, de Eryk Rocha, lançado em 2011, tem como protagonista Expedito, um recém-aposentado morador do Rio de Janeiro que tem uma experiência singular com a cidade onde mora. Em sua sinopse, aparece como um filme que fala principalmente da vivência de um indivíduo na metrópole, do seu envelhecimento e da sua solidão. Com 125 minutos, filmado em película e em preto e branco, o filme é um mergulho no universo de Expedito e no seu contato com o urbano. As texturas, principalmente no que se refere às faces das pessoas, o esquadramento dos corpos, dos olhos, das bocas, das peles – de uma poesia que valoriza o que é ordinário, comum – são inspiradas em cineastas cubanos como Santiago Alvarez e Nicolás Guillén Landrián ou no armênio A. Pelechian. As sequências em que o Centro da cidade aparece são do Rio de Janeiro e não são. É uma cidade fora do eixo, fora do espaço, deslocada, podendo ser qualquer lugar, estando Expedito em qualquer metrópole. A experiência, para além do visual, faz com que se destaque o desenho de som e a trilha sonora, que agregam elementos importantes ao próprio ofício de um antropólogo: os sentidos em alerta, a memória, o olhar e o ouvir como uma construção. *Transeunte* é um filme de camadas no qual diversas perspectivas filosóficas se encontram, criando uma ausência de fronteiras entre a ficção e o documentário, entre a antropologia e o cinema. São as perspectivas dessas (des)fronteiras que serão discutidas neste trabalho.

Palavras-chaves: (Des)Fronteiras. Eryk Rocha. Metrópole. Envelhecimento. Solidão.

The Memory - The Lightness - The Look - The Smell - The Touch - The Game: Passerby, by Eryk Rocha

ABSTRACT

The film *Passerby*, by Eryk Rocha, released in 2011, features Expedito, a recently retired Rio de Janeiro resident who has a unique experience with the city where he lives. In its synopsis, it appears as a film that speaks mainly of the experience of an individual in the metropolis, of his aging and his solitude. With 125 minutes and in black & white, the film is a dip in the universe of Expedito and his contact with the urban. The textures, especially with regard to people's faces, the scrutinizing of bodies, eyes, mouths, skins - a poetry that values what is ordinary, common - are inspired by Cuban filmmakers such as Santiago Alvarez and Nicolás Guillén Landrián or by the Armenian A. Pelechian. The sequences in which the center of the city appears are from Rio de Janeiro and are not. It is a city off the axis, out of space, displaced, and can be anywhere, so Expedito can be in any metropolis. The experience, besides the visual, makes the sound design and soundtrack stand out, which add important elements from the work of an anthropologist: the senses in alertness, memory, the look and the hearing as a construction. *Passerby* is a layered film in which diverse philosophical perspectives meet, creating an absence of frontiers between fiction and documentary, between anthropology and cinema. It is the perspectives of these (non)frontiers that will be discussed in this paper.

Keywords: (Non)Frontiers. Eryk Rocha. Metropolis. Aging. Loneliness.

* Antropóloga, dra. em Saúde Coletiva (IMS/UERJ), com pós-doutorado em Ciências Sociais (UFRRJ). Professora Adjunta da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense e do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas (PPGECC), Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Contato: anapalvesribeiro@gmail.com

¹ Artigo apresentado na 28ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 02 e 05 de julho de 2012, em São Paulo, SP, Brasil. Grupo de Trabalho 09: Antropologia do Cinema: entre narrativas, políticas e poéticas. Agradeço a Maria Alice Rezende Gonçalves a disponibilidade em discutir *Transeunte* comigo e ler a primeira versão deste texto, a Roberta Mathias pela tradução dos resumos e aos colegas do Grupo de Análises de Políticas e Poéticas Audiovisuais – GRAPPA – por todas as leituras e retornos com relação à minha pesquisa e ao texto. Da Aruac Produções, agradeço a Eryk Rocha pela entrevista e cessão de alguns dos seus filmes para análise, assim como ao colega e montador Renato Vallone. A partir dessas reflexões iniciais, passo a desenvolver a pesquisa “Múltiplas Cidades: Representações do Rio de Janeiro no cinema e em outras mídias”, sobre a qual me debruço desde 2012.

La Memoria - La Ligereza – La Mirada - El Olor - El Tacto – El Juego: Transeúnte, Eryk Rocha

RESUMEN

Transeúnte, película de Eryk Rocha, lanzada en 2011, tiene como protagonista Expedito, un recién jubilado residente de Río de Janeiro, ciudad donde vive y con la cual tiene una experiencia singular. En su sinopsis, aparece como una película que se refiere principalmente a la experiencia del envejecimiento y soledad de una persona que vive en la metrópoli. Con 125 minutos y en blanco y negro, la película es una inmersión en el universo de Expedito y en su contacto con la ciudad. Las texturas, especialmente con respecto al rostro de las personas, el escudriñamiento de los cuerpos, de los ojos, de la boca, de la piel - de una poesía que valora lo que es ordinario, común - son inspiradas por realizadores cubanos como Santiago Álvarez y Nicolás Guillén Landrián o en lo armenio A. Pelechian. Secuencias en las que aparece el Centro de la ciudad son del Río de Janeiro y no lo son. Es una ciudad fuera de eje, sin espacio, desplazada y puede estar en cualquier lugar, estando Expedito en cualquier metrópoli. La experiencia más allá de lo visual, hace que se destaquen el diseño de sonido y la banda sonora, que se suman a los elementos importantes al propio oficio del antropólogo: los sentidos en alerta, la memoria, la mirada y el escuchar como un edificio. Transeúnte es una película de capas en la que varias perspectivas filosóficas se encuentran, creando una ausencia de límites entre la ficción y el documental, entre la antropología y el cine. Son las perspectivas de estas (des)fronteras que se describen en este trabajo.

Palabras clave: (Des)Fronteras. Eryk Rocha. Metrópoli. El envejecimiento. La soledad.

INTRODUÇÃO

Só conheço uma cidade neste mundo, embora nela fosse capaz de achar meu caminho até dormindo.

Anna Akhmátova

Em julho de 2011, o centro cultural b_arco (SP) ofereceu o curso *O Cinema e a Terra – Documentário de Invenção*, com o cineasta Eryk Rocha. O curso tinha duração de uma semana e no seu último dia, a nossa aula seria no 6º Festival de Cinema Latino-Americano de São Paulo, com a exibição de *Transeunte*², realizado pelo próprio Rocha em 2010. Voltei ao Rio antes e só pude assistir a *Transeunte* em sua estreia carioca, no mês seguinte. Assisti novamente uma semana depois e a estrutura do texto que agora apresento começou a ser delineada após assistir a duas exibições e às próprias aulas. O curso em São Paulo era um diálogo das influências de Rocha e uma espécie de preparação para a recepção filmica de *Transeunte*. Como exercício de final de curso, foi proposto um curta sobre o tema do deslocamento na metrópole, nesse caso, São Paulo, e sugerido, caso alguém se dispusesse

a escrever, um ensaio sobre o que foi lido, visto e analisado naquela semana. O estímulo para refletir em um ensaio o que foi visto e analisado naquela semana acabou se transformando em pesquisa, que desenvolvo desde 2012, na área da antropologia do cinema. *Transeunte* me estimula a pensar justamente nos processos de pesquisa, produção e realização de um filme, assim como as possibilidades da antropologia em se debruçar sobre um cinema (de ficção) que caminha pelas cidades, cidades estas que são buscadas, mesmo de forma inconsciente, por Expedito, o nosso transeunte.

Entendo por Antropologia do Cinema um campo teórico-metodológico. A possibilidade de trabalhar com o cinema sob o escopo antropológico, analisar e refletir o cinema como material empírico é tão rico quanto complexo, entendendo que o cinema é um campo que dialoga com outras disciplinas como, por exemplo, a arquitetura, o urbanismo, a filosofia, a história, a sociologia, além de ser legítimo objeto de pesquisa, como aponta Name (2006), deixando de ser objeto de discussão exclusivo de cineastas e críticos de filmes. Na antropologia, tem sido utilizado como referência filmográfica, objeto de análise

2 Ficha Técnica: Produção: Videofilmes; Direção: Eryk Rocha; Produção Executiva: Walter Salles, Mauricio Andrade Ramos; Direção de Produção: Pimenta Jr.; Roteiro: Manuela Dias e Eryk Rocha; Direção de Fotografia e Câmera: Miguel Vassy; Direção de Arte: Marcos Pedroso; Figurinos: Maira Senise e Alex Brollo; Montagem: Ava Gaitán Rocha; Desenho de Som: Edson Secco; Trilha sonora original: Fernando Catatau. Elenco: Fernando Bezerra, Bia Morelli, Luciana Domschke, José Paes de Lira.

filmica, na construção de filmes etnográficos, bem como em trabalhos sobre processos de produção, circulação e crítica, etnografia de festivais, entre outros possíveis campos. O meu interesse pelo campo da antropologia do cinema e por imagens das cidades se inicia em uma pesquisa anterior sobre violência urbana, quando então utilizei filmes documentários sobre o Rio de Janeiro como referência (RIBEIRO, 2009). Nos filmes levantados, produzidos nos anos 1990 e 2000, o Rio de Janeiro das organizações não governamentais (ONGs) e projetos sociais, dos poetas e cantores, era uma cidade em que a violência urbana gerada pelo tráfico de drogas era quase onipresente (RIBEIRO, 2013).

No encontro com *Expedito* e seu hábito de andar pela cidade, vislumbro uma possibilidade de refletir sobre o que é ser *voyeur* / o que é ser *flâneur* e romper, em um filme que dança entre as fronteiras do documental e da ficção, essa onipresente violência, trazendo outras possibilidades de leitura da cidade e do seu cotidiano. Também vislumbro aproximações com a antropologia urbana, presentes desde o processo de pesquisa, construção da fotografia e roteiro. Ressalto que, especificamente no caso de *Transeunte*, não estamos falando apenas das possíveis representações das cidades no cinema. Sobre a possível produção interdisciplinar, Name (2006) no artigo “Escalas de Representação” nos apontará que, quando essa abordagem é histórica, pode ser focada na natureza, essencialmente urbana e que associa o cinema, criado no auge da metrópole moderna, ao desenvolvimento da cidade. Essa seria uma abordagem mais presente nos estudos sobre cinema e cidade, mas que não será trabalhada neste texto.

O que nos interessa aqui é um outro tipo de abordagem – uma que

também se dirige às cidades representadas pelo cinema, mas (...) se [concentra] mais na ação transcorrida durante o filme, na interação entre os personagens e no que é dito e vivido nos espaços, seja demonstrando o quanto cada filme pode vir a se apropriar de outras narrativas, construídas e reproduzidas no cotidiano, em outros filmes ou em outros meios, e sobre os lugares que representa (NAME, 2006, p. 45).

Estamos aqui usando a noção de cidade aproximada dos processos urbanos e das metrópoles. Reconhecer o Rio de Janeiro do transeunte *Expedito* é também refletir sobre outras possibilidades narrativas no cinema que olha e transita pela cidade, ao mesmo tempo em que dialoga com questões antropológicas como urbanidade, metrópole, solidão, individuação, sociabilidade, trânsitos.

Foi nessa perspectiva que fui construindo a leitura teórico-metodológica de *Transeunte* em camadas e entendendo que aquele homem ordinário, comum, imerso no cotidiano e na dualidade *voyeur* / *flâneur*, que marca o diálogo entre cinema e cidade, bem como seu realizador/criador podem ser entendidos como etnógrafos, tentando capturar as múltiplas representações do Rio de Janeiro e ao mesmo tempo refletindo sobre espaços filmicos e urbanidades.

A metodologia utilizada segue os rastros e analisa as possibilidades de pesquisa trazidas por *Expedito* e quem o constituiu enquanto personagem. Roteiristas, diretor de fotografia, montadora, desenhista de som, o diretor e os transeuntes reais do Centro do Rio, pessoas comuns que, no cotidiano de um *set* de filmagem, dialogaram com a equipe e dimensionaram as possibilidades de *Expedito* ser e existir na cidade. O passo zero foi dado ainda no curso realizado com Eryk Rocha em São Paulo, quando refletimos e discutimos sobre as potencialidades de um cinema de invenção. O primeiro passo ou camada da pesquisa foi, após assistir ao filme, escrever sobre o que me chamou atenção e o que me incomodava, as correlações que desenvolvi entre as perspectivas antropológicas, um olhar sobre a cidade, especificamente o Rio de Janeiro, e principalmente o Centro do Rio de Janeiro. Local de trânsito e diversidade, parte deslocada da cidade onde muitos acreditam não morar ninguém, mas que é pleno de sociabilidade e ainda assim permite isolamento entre seus moradores. Nesse contexto e com essa intenção, assisti a *Transeunte* a princípio duas vezes no cinema, a primeira em uma pré-estreia com debate e depois no circuito. E escrevi.

O segundo passo foi buscar material de divulgação e críticas especializadas, escritas por colegas de diversos veículos. Essas críticas apontavam maior aproximação com o conceito

de metrópole e individualização neste processo, e algumas críticas se baseavam na premissa da sinopse e do próprio cenário apresentado pelo filme, mergulhando na existência específica de um Exedito no Centro da cidade do Rio de Janeiro.

Nesse sentido, o Centro do Rio – centro da capital, centro de metrópole – é a possibilidade de se tornar invisível a ponto de integrar-se. É a possibilidade de se confundir na paisagem e tornar o que é cotidiano e ordinário em existência. Mas não esqueçamos que também é a possibilidade de apagamento e deslocamento do próprio morador, do próprio personagem. A partir das críticas e entrevistas, descobri quem é Exedito e como foi o processo de criação desse personagem. Durante a pesquisa, encontrei fotos de Miguel Vassy, divididas em quatro álbuns de pesquisa fotográfica: 1) Bares e ruas; 2) Pinturas rupestres de banheiros; 3) Ruas Exedito; 4) Ruas Abertura referências. Esses quatro álbuns fotográficos e suas relações com a pesquisa fotográfica pré-entrada no *set* de filmagem, que por si só dariam um artigo, possibilitaram outros desdobramentos sobre o que seria a cidade paisagem/cenário, mas principalmente qual seria o *habitat* de Exedito. Aonde ele vai, o que ele vê, onde come, por onde anda, onde se acha, onde se perde. Analisando as imagens, podemos imaginar sons, cheiros, sabores, texturas, sensações, e de certa forma, ter a impressão de que, andando pelo Centro do Rio, poderíamos estar presentes na pesquisa ou sermos transformados em personagens. Aliado ao fato de a equipe ter ouvido histórias reais na construção do roteiro, essa impressão se agudiza.

Os últimos passos foram a partir de uma análise mais detalhada do filme e de uma posterior entrevista de Eryk concedida a mim em fevereiro de 2013. Foi a partir desta que passei a construir a hipótese que vai delinear este trabalho: a de que a pesquisa para construir o personagem faz com que Exedito traga em si o ofício do antropólogo. Ou de alguém que absorve e observa atentamente o que as ruas e seus interlocutores dizem, como muitos antropólogos urbanos fazem. Essa possibilidade construída, a de um homem comum que circula, transforma Exedito em um observador privilegiado, que segue vidas e seus desdobramentos sem que se chame muita atenção ao seu cotidiano, em uma

paisagem árida, cinzenta, mas que transforma a cidade em um lugar quase atemporal. Sua rotina é plena de encontros (com o desconhecido e o cotidiano), trânsitos e ritmos previsíveis. Nada é intempérie na vida de Exedito.

Neste momento privilegiei trazer algumas observações sobre o filme e possíveis interpretações que tivessem enfoque antropológico ou que ao menos refletissem algumas de nossas preocupações. Levantamento bibliográfico pronto, este texto dialoga com teóricos que privilegiaram a relação do cinema com a cidade e a emergência do conceito de metrópole na própria teoria social. Ao mesmo tempo, utilizo outras formas de análise que não se restringem apenas ao filme: a pesquisa fotográfica feita por Eryk Rocha e Miguel Vassy para o filme, assim como as críticas que ajudam a construir o personagem de Exedito como “um homem velho e solitário”, morador de uma grande metrópole.



Imagem 1 – Exedito (Fonte: Material de divulgação do filme)

Sobre o papel do antropólogo, Ana Luiza Carvalho Rocha e Cornelia Eckert (2005, p. 35), entendem que

ao provocar o confronto entre essas tradições na formação do pensamento antropológico em nossos estudos sobre memória coletiva e itinerários urbanos no mundo contemporâneo, buscamos abordar uma questão sempre revisitada pela comunidade profissional acerca da compreensão das próprias fronteiras do conhecimento antropológico naquilo que o constitui, ou seja, o “lugar” atípico no interior do qual se inscreve o próprio trabalho de campo do antropólogo em sua intenção de compreender as formas de viver e de pensar

de indivíduos e/ou grupos nas modernas sociedades complexas urbano-industriais.

Aqui temos três possibilidades de olhares antropológicos: o da equipe, principalmente em diálogo com seu diretor, o de Expedito e o da autora que se debruça sobre a obra.

Como Eryk Rocha demonstra algumas das influências de seus trabalhos anteriores, privilegiei seguir essas influências, principalmente as poéticas, filosóficas e filmicas que compõem a referência deste artigo. Este texto está dividido em três camadas: a primeira, explorando alguns dados sobre o filme e apresentando Expedito, nosso *flâneur*, interpretado pelo ator Fernando Bezerra. A segunda parte é uma análise exploratória em que os teóricos da metrópole e da cidade se encontram com a antropologia (e com a antropologia do cinema). E a terceira e última parte é a tentativa de entender como *Transeunte* se converte em poesia (áudio) visual, sob a direção de Eryk Rocha, fotografia de Miguel Vassy e montagem de Ava Rocha.

Para Miguel Vassy, fotógrafo do filme,

Expedito [...] peregrina, se perde na multidão, vive dentro e fora. O segundo protagonista, a cidade do Rio de Janeiro se revela em preto e branco, uma cidade no presente e passado, uma cidade decadente e moderna, cheia de rastros, feridas e histórias. (Material de divulgação, 2011).

Eu acrescentaria: uma cidade em ruínas, com menos possibilidades de reconstrução que Expedito, por exemplo.

Primeira camada: localizando aspectos etnográficos de uma produção de ficção, ou um cineasta também é um etnógrafo

Sinopse: *Transeunte* é um drama dirigido por Eryk Rocha e conta a história de Expedito, senhor aposentado que perdeu os laços com a vida e caminha, entre outros anônimos, pelo Centro da cidade do Rio de Janeiro. Há anos, Expedito abandonou o papel de protagonista de sua história e se tornou um figurante que testemunha os conflitos alheios através das conversas que escuta pela rua. Porém, passo a passo, Expedito

começa a aceitar pequenos convites cotidianos para recomeçar sua vida.

Transeunte (2011) é o primeiro filme de ficção dirigido por Eryk Rocha. Filho dos cineastas Glauber Rocha e Paula Gaitán, Eryk já havia dirigido *Rocha que Voa* (2002), *Intervalo Clandestino* (2005) e *Pachamama* (2008). Após *Transeunte* dirigiu *Jards* (2012), *Campo de Jogo* (2015) e o premiado *Cinema Novo* (2016). Ainda dirigiu os curtas *Quimera* (2004), *Medula* (2005), a série *Viaje por un SoL* (2011) e o curta *Igor*, que está no filme *A Aula Vazia* (2015), projeto produzido por Gael García Bernal.

Arrisco dizer que, em todas as suas produções, Rocha trabalha com uma equipe reduzida, acompanhando de perto a fotografia e o processo de montagem. Arrisco afirmar também a existência de uma rede de afeto que circula entre vários dos seus projetos, como sua irmã, Ava Gaitán Rocha (montadora de *Transeunte*), Miguel Vassy (fotógrafo de *Rocha que Voa*, *Transeunte*), Renato Vallone (montador de *Campo de Jogo* e *Cinema Novo*), Edson Secco (desenho de som em *Transeunte* e *Cinema Novo*), entre outros colaboradores.

Com *Transeunte*, filmado em película e em preto e branco, Rocha nos apresenta Expedito, um homem simples, aposentado, morador do Centro da cidade do Rio de Janeiro. Expedito, segundo a sinopse, perdeu os laços com a vida e caminha. Nas ruas do Centro, em qualquer horário, Expedito caminha e é a partir dos deslocamentos de Expedito que o conhecemos melhor e a cidade em que ele vive. Esse caminhar de Expedito nos apresenta a uma dupla verdade: Expedito caminha, e vivencia histórias que não são suas, conflitos e dramas urbanos que pouco tem a ver com sua história, passando despercebido, sem falar, mas muito atento ao que acontece ao seu redor. Assim como ele observa as pessoas pelas quais passa cotidianamente, somos ao mesmo tempo apresentados à história de Expedito, ao seu drama e ao alheamento que uma metrópole pode produzir em seus moradores.



Imagem 2 – O caminhar de Expedito (Fonte: Tela – cena do filme)



Imagem 3 – O caminhar de Expedito (Fonte: Tela – cena do filme)

Com roteiro do próprio Eryk e de Manuela Dias, o filme se origina em dois momentos: no primeiro, uma epifania³:

Eryk Rocha tomava um café à beira do Mar Mediterrâneo, durante o Festival de Cannes em 2004, quando uma imagem lhe veio à cabeça. O diretor, filho do cineasta Glauber Rocha (1939-1981), estava na cidade da Côte d'Azur para exibir, na mostra competitiva, o seu curta-metragem *Quimera*. “Ao me ver ali, vendo um mundo de celebridades, estrelas de cinema passando diante de mim, me veio à cabeça a imagem de um homem velho, solitário, a caminhar em meio à multidão no Centro do Rio de Janeiro. Assim, no sul da França, nasceu Expedito, personagem central de *Transeunte*, primeiro longa-metragem de ficção de Rocha, que estreia em breve em Curitiba. “Ele é um homem que não tem ninguém, nem filhos nem amigos. Está no fundo do poço”.

É na tentativa de dar vida a esse homem

tão comum que uma pequena equipe se lança às ruas do Rio de Janeiro para fazer uma pesquisa de campo. Essa pesquisa se constituiu no segundo momento de construção do filme, no qual o diretor, a roteirista Manoela Dias e o fotógrafo Miguel Vassy passaram a vislumbrar o nascimento de Expedito. Com o projeto *Conte sua história e ganhe um real*, a equipe foi para as ruas do centro do Rio de Janeiro, onde fica parada com uma placa e um gravador de áudio, “pescando” depoimentos, tecendo encontros com o cotidiano. Ao mesmo tempo, uma pesquisa fotográfica estava sendo realizada e suas linhas básicas eram: referências de ruas, referências de ruas onde Expedito pudesse caminhar, pinturas rupestres de banheiros e fotografias diurnas e noturnas de bares e restaurantes, ambientes frequentados pelo nosso personagem. Esse trabalho culminou na elaboração de alguns personagens existentes na cidade, que não necessariamente entraram no filme, mas que fizeram de Expedito um personagem com ligações, mesmo tênues, com o lugar onde mora: adolescentes em idade escolar, atendente em papelaria, vendedor de pilha, mulher especial que lembra um amor do passado, jovens casais, barbeiro, garçom amigo, entre tantos outros que ficaram fora do caminho (visível), mas que se encontram lá, como personagens da cidade. Assim, após dois anos e meio de trabalho, nasceu Expedito, que traz consigo uma jovem parente, sua médica, o funcionário do banco, os funcionários do cemitério onde está enterrada sua mãe, uma ocasional prostituta (um sonho?), a turma do baile e a torcida no estádio de futebol.

Segunda camada: tudo é rua na vida - Expedito e seu universo

É a partir dessa sinopse que o filme *Transeunte* permite uma dupla entrada: ora Expedito é o *flâneur*, o expectador, aquele que conhece a cidade, ora nós somos a câmera que, ao propor um documentário, acompanha Expedito e homens semelhantes a ele em suas andanças. Se os olhos de Expedito veem a cidade, os nossos passam a conhecê-lo um pouco melhor. E quem é Expedito? Sem que ele diga, descobrimos que

³ Em entrevista ao jornal *Gazeta do Povo*, em 8 de setembro de 2011. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/blogs/central-de-cinema/transeunte-e-o-melhor-filme-brasileiro-de-2011-ate-agora/>

Expedito perdeu Metilene Silva Soares, que morreu aos 70 anos em 2006, dois meses antes de completar 71. Que em 2009 ela teria 74 anos e ele, recém-aposentado, tinha pouco ou nenhum laço com o antigo trabalho. O que sabemos mais de Expedito?

Mora no oitavo andar de um prédio na rua Ubaldino do Amaral, no Centro.

Tem um único vínculo familiar com Andréa, sua sobrinha ou prima.

Não aparenta ter filhos.

É limpo e cuidadoso.

Não é consumista. Aproveita o mês de aniversário (início de outubro?) para trocar o seu rádio de pilha por um com escudo do Flamengo e fone de ouvido, com 50% de desconto.

Deixou de ir a jogos do Flamengo ainda nos anos 1970/80 e é flamenguista alucinado.

Se cuida / vai ao médico. Quando sua médica pergunta se faz exercícios e se caminha na esteira, Expedito responde: “Caminho na rua mesmo”.

Há uma obra em frente ao seu prédio e ela pouco parece o incomodar.

Fala pouco / anda muito / observa o tempo todo.

Não tem vícios, porém gosta de beber cerveja.

Quando dá a morada definitiva para Metilene, se liberta.

Metilene, sua mãe, é o marcador de sua transformação. É com Metilene que Expedito tem vínculos, é ela que é visitada no cemitério no início do filme, é ela que ganha repouso eterno em um jazigo, quando finalmente ele tem a chance de se libertar e canta, em um caraoquê da Praça Tiradentes, *Transeunte*, de Fernando Catatau:

A minha paciência, já não dá

A cada passo eu penso, que vou te encontrar,
tanto tempo que,

A gente terminou e no meu peito ainda sinto,
as pancadas

Desse grande amor, pois sou um homem que
caminha certo

Sem chegar, na primavera compro flores pra
chorar, e

Junto as pétalas que caem pelo chão

E eu, eu sou aquele que ninguém consegue
olhar, o que

Aguenta pois espera para amar, dançando
passos solitários

No salão

Agora não entendo, porque, porque insisto
tanto, para me lembrar e te lembrar e relembrar
o que passou, só pode ser o vento, sei lá

Que sopra violento, a saudade, esse vazio me
deixando não deixar, pois um homem que
caminha certo

Sem chegar, na primavera compro flores pra
chorar, e junto as pétalas que caem pelo chão.

E eu, eu sou aquele que ninguém consegue
olhar, o que aguenta, pois espera para amar,
dançando passos solitários no salão.

Ao mesmo tempo em que a intimidade de Expedito nos é apresentada, sua relação com a cidade vai se descortinando para nós. Segundo Bernardo Soares [Fernando Pessoa] (2012, p. 345) em *Livro do Desassossego*, “já me cansa a rua, mas não, não me cansa - tudo é rua na vida” de Expedito. Sua casa parece guardar lembranças de um amor que passou, sem vestígio de vida a não ser o cotidiano: a alimentação, a mosca que sobrevoa seu prato, o som do rádio ao fundo e eventuais programas televisivos. É na rua onde a ação não acontece. Mas é na rua onde ele se encontra, ouvindo conversas, observando pessoas, e se Expedito aprende um pouco mais sobre elas ou se absorve a vida que delas emana, pouco nos deixa entrever. É a rua que tem um

papel protagonista junto com Expedito. Essa rua, entendida como o centro de uma grande cidade, é analisada constantemente em sua relação com o cinema, assim como é palco de transformações. É a rua, lotada, com diversos transeuntes, que permitirá um processo de individualização cada vez mais profundo e que é marcado, no filme, por algumas sequências em que a solidão de um morador da metrópole é pontuada em planos que dialogam. Primeiro, temos ao longe as gavetas do cemitério João Batista: brancas, com a luz do sol. O prédio de Expedito visto ao longe, sua passagem por ele, a chegada em casa e a retirada das cartas da caixa do correio, uma vista interna demonstrando o personagem dentro do apartamento com outros prédios ao fundo e, por fim, um plano onde Expedito aparece, ao longe, perdido em um mar de janelas. Esses *frames* dão a sensação de impessoalidade, de indivíduo na metrópole, de um processo de despersonalização e solidão que acompanhará Expedito por boa parte do filme. Como Fernando Pessoa, o danado que anda, Expedito não se restringe ao espaço doméstico, e sequências realizadas nos mesmos lugares do início do filme podem ganhar um novo significado porque Expedito andou, como é o caso da sequência das gavetas na Catedral, nos últimos 20 minutos de filme. No caso desta última, como há curvas, dá a sensação de continuidade, prolongamento. De vida que segue.

Terceira camada: não existe mais a cidade onde flunar? A cidade no cinema e a experiência na metrópole de Expedito, ou como o personagem também se torna um etnógrafo.

Aqui a referência é clara: o *flâneur*, de Charles Baudelaire, expresso por Walter Benjamin (1991), é um produto da vida moderna que dialoga com a metrópole de Georg Simmel (1979). E o diálogo entre Simmel, Benjamin e Pessoa é analisado em um texto de Hermano Vianna, de 1999. A integração do poético com a cidade se faz não apenas no texto, mas na possibilidade fílmica (e estética) que Rocha nos apresenta. Expedito é um homem da metrópole, mas fora do tempo – é completamente atemporal. Roupas, estilo, casa, por ele mesmo, pouco nos faz localizar a época em que vive. Poderia ser um *flâneur* do século XIX, um dos heterônimos de Pessoa, um personagem

machadiano, mas é um transeunte do século XX em uma cidade como o Rio de Janeiro.

Sobre a figura do *flâneur*, Angela Prysthon (2008, p. 12-13) escreve no livro *Ecos urbanos*:

Se determinados espaços podem ainda ser considerados como território por excelência do cosmopolitismo pós-moderno (lugares, situações que ligam o indivíduo ao consumo e a uma rede mundial de informações e produtos), já que não existe um *flâneur* como do século XIX e início do século XX, porque não existe mais a cidade onde flunar. As ruas e os bulevares onde o *flâneur* andava para “ser visto” tampouco existem. O espaço onde “ser visto” fragmentou-se em bares, restaurantes, lojas, “shoppings”, não do centro de uma metrópole em particular, mas no mundo inteiro [...]. A comunicação e as representações midiáticas da cidade “adquirem”, portanto, um papel crucial no contemporâneo.

Expedito não é provinciano tampouco cosmopolita. Ao mesmo tempo, a impossibilidade de existir um *flâneur* nos dias atuais é jogada para o alto com o nosso personagem, já que da comunicação e do mercado, considerados imprescindíveis, ele está fora. Mesmo que a comunicação não se dê apenas por palavras, a incomunicabilidade e o desprezo pelo mercado são latentes. A possibilidade de existir alguém assim é tão real, tão comum, que o personagem se torna bastante verossímil. Todos podemos conhecer, de um modo ou de outro, um Expedito.

Nesse sentido, *Transeunte* é um filme que vai nos envolvendo aos poucos, onde vamos reconhecendo as situações gradualmente, numa construção que dilui os limites entre documentário e ficção, entre aqueles que são atores e os não profissionais. A ausência de limites, algumas vezes, nos coloca dentro do filme, já que alguns planos dão a sensação de sermos um na multidão, testemunhas da sua história, da sua memória. Aponto aqui, na construção da personagem, aspectos etnográficos que podem ser encontrados em Eryk Rocha, diretor e roteirista, e no próprio Expedito, em diálogo com a câmera e a fotografia de Miguel Vassy. Esse acordo possibilita que o espectador etnografe visualmente Expedito e sua rotina. Afinal, pelos olhos de Expedito vemos e reconhecemos a cidade.

O que se vê pela janela de Expedito?

Se vê a vida.

Obra em andamento / canteiro de obras / operários trabalhando / construção.

A Praça Tiradentes.

Gente comum / outros transeuntes – uma história que poderia ser de qualquer um deles.

O vazio.

O que não vemos? E por que não vemos? O que Expedito provavelmente não vê?

Favelas (parte do Centro do Rio de Janeiro é cercado de morros e favelas – se vê prédios e nenhuma favela).

Não se vê miséria.

Aqui, a cidade de Expedito é Rio de Janeiro e não é. É uma cidade fora do eixo, fora do espaço, deslocada, como o próprio personagem. Como em toda divulgação foi apontado, poderia ser qualquer cidade da América Latina e seu centro, poderia ser o centro de qualquer grande metrópole. Assim, Expedito poderia estar em qualquer lugar, em qualquer metrópole, mas, pelos signos e paisagens, se encontra no Rio de Janeiro.

Isso se dá porque em *Transeunte*, o que é comum, cotidiano é privilegiado, e qualquer imagem pré-concebida sobre o Rio de Janeiro do cinema pós-retomada é recusada. Não há violência, tráfico de drogas, favelas no horizonte, e o preto e branco aplaca a imagem (real) de abandono e decadência que a cidade pode ter. Tudo tem um pouco de abandono e decadência na vida, na casa e na cidade em que Expedito habita, trazendo um ar atemporal ao filme. Tudo mesmo, até a camiseta oficial do Flamengo que ele veste. Cabe notar, porém, que o Centro antigo do Rio de Janeiro se revitaliza aos poucos, ao mesmo tempo em que a vida de Expedito sofre transformações.

Ainda sobre esse mesmo Centro – Centro interior, Centro periferia, Centro residencial –, há uma apropriação das ruas, à noite e aos finais de semana. Ora sem se dar conta, ora como explorador, Expedito vaga pelo Centro da cidade. Enquanto antropóloga, o que me aproxima desse Expedito que anda pelo Centro da cidade? A possibilidade de não ser notado. Ser

invisível. De observar e escutar desinteressado, interessadamente e em paz. De olhar. De sentir.

Nessas ausências de fronteiras há um limite. Ser transeunte do jeito de Expedito é uma questão de gênero: o flunar pela cidade em diversos horários – sozinho – só é franqueado aos homens. Ele mesmo extravasa suas limitações e suas emoções de uma forma muito específica: a paixão pelo futebol (hoje nem tanto uma questão de gênero), o sexo pago (ainda uma questão de gênero). Charney e Schwartz (2001) apontarão, no prefácio do livro organizado por eles, que a condição de *flâneur* é um privilégio masculino da vida pública moderna. A crítica sobre *Transeunte* “compra” a ideia de solidão na cidade e aposta que qualquer um se sentiria do mesmo jeito e que qualquer pessoa pode se identificar com Expedito, porém não reconhece que tanto o processo de trânsito nos espaços, de envelhecimento, quanto a forma como se vivencia a solidão são marcados pelas diferenças de gênero (só para apontar a mais visível). De todas as críticas lidas para a pesquisa que compõe este trabalho, apenas um artigo era de uma crítica mulher. Isso, porém, não impede que estabeleçamos empatia pelo protagonista. Menos sobre o envelhecimento e a solidão, *Transeunte* diz mais sobre como é complicado sobreviver à rotina e ao cotidiano com intensa dignidade e como, mais difícil ainda, é a capacidade de mudar o rumo da vida.

Se tudo é rua na vida... *Intervalo Clandestino* (o Centro), *Viaje por um SoL* (as periferias latino-americanas), *Jards* (Copacabana), *Campo de Jogo* (Sampaio): nesses filmes a rua está presente o tempo inteiro. *Transeunte* começa com um diálogo com Simmel, e à medida que Expedito vai se integrando com as pessoas, Simmel, enquanto autor que possibilita diálogo, é abandonado. Uma outra hipótese é: se a rua dá alheamento, enseja a atitude *blasé*, a rua pode injetar vida também. Tudo é rua na vida. A vida e a rua: duas das dimensões de Exu, orixá que domina e aponta os caminhos.



Imagem 4 – O prédio de Expedito (Fonte: Material de divulgação do filme)



Imagem 5 – Expedito, seu prédio e a obra em andamento (Fonte: Material de divulgação do filme)



Imagem 6 - Vizinhaça: olhar para dentro (Fonte: Material de divulgação do filme)



Imagem 7 - Vizinhança: olhando o entorno (Fonte: Material de divulgação do filme)



Imagem 8 - A última morada de Metilene (Fonte: Tela – cena do filme)



Imagem 9 – Despedida (Fonte: Tela – cena do filme)

Quarta camada: a memória – a leveza – o olhar – o olfato – o tato – o jogo: transeunte-se

Perguntada sobre o que desempenhava melhor papel no seu processo criativo, a poeta portuguesa Sophia de Mello Breyner respondeu: - A obsessão e o recuo - o desejo - a memória - a leveza - o olhar - o olfato - o tato - o jogo (ROZARIO, 1994, p. 37).

A construção de *Transeunte* se dá da mesma maneira: a obsessão pelos detalhes; o desejo, do autor e do personagem; o cuidado com a memória; o olhar enquanto possibilidade de narrar etnograficamente o cinema. O filme aposta em uma beleza árida. As texturas – principalmente no que se refere às faces das pessoas, o esquadramento dos corpos, dos olhos, das bocas, das peles – são de uma poesia que valoriza o que é ordinário, comum. E que usualmente não achamos belo.

Se no roteiro a construção poética está presente e o diálogo com o *Livro do Desassossego* é uma possibilidade, este é também mediado por influências dos locais onde Rocha viveu: Brasil, Paris, Portugal, Cuba, que acabam por introduzir diversas homenagens/influências que se multiplicam na tela. Do Brasil, temos a paixão pelo Centro do Rio de Janeiro e sua diversidade humana. Da França, a concepção da passagem, da *flânerie*. De Portugal, a poesia, e Pessoa principalmente. De Cuba, a sequência da redescoberta da vida no caraoquê é muito próxima de *Los del baile*, do cubano Nicolás Guillén Landrián, além dos trabalhadores/operários na obra (sem rostos) – seus corpos como em um ballet. Do mundo, o filme *The End*, do armênio A. Pelechian, onde as imagens das mães nos transportes públicos (ônibus, metrô) e suas crianças (bebês) se encontram em *Transeunte*. Concepções socioantropológicas e filosóficas como multidão, solidão, envelhecimento desnudam as (des)fronteiras entre poesia, cinema, antropologia, filosofia, criando um pacto entre realização e personagem.

Aliado ao roteiro, o processo de montagem nos apresenta a trilha sonora de Fernando Catatau, com trilha adicional de Ava Gaitán Rocha e José Paes Lira (Lirinha, que faz uma participação como profeta no Largo da Carioca). É um outro

filme feito de sons e ritmos. No desenho sonoro, o barulho da mosca, da obra, do trânsito, das ondas ao final do filme e principalmente do silêncio. O silêncio é um som presente. O silêncio tem o som do vazio e muitas vezes é também um personagem dessa história que marca a todo tempo cotidiano e solidão.

Transeunte de tudo – até de minha própria alma – não pertença a nada, não desejo nada, não sou nada – centro abstracto de sensações impessoais, espelho caído sentiente, virado para a variedade do mundo. Com isto, não sei se sou feliz ou infeliz, nem me importo. (SOARES, 2012, p. 267).

Conclusão ou uma pergunta: somos todos transeuntes?

A experiência, para além do visual, faz com que se destaque o desenho de som e a trilha sonora, que agregam elementos importantes ao próprio ofício de um antropólogo: os sentidos em alerta, a memória, o olhar e o ouvir como uma construção. *Transeunte* é um filme de camadas no qual diversas perspectivas filosóficas se encontram, criando uma ausência de fronteiras entre a ficção e o documentário, entre a antropologia e o cinema.

Aproximação com a câmera cria cumplicidade. Enquanto expectadores, nós somos os antropólogos que acompanham Expedito e o tipo de morador da cidade que ele representa. Enquanto transeunte, Expedito é mais que um flâneur, mais que apenas um indivíduo na metrópole simmeliana. Ele não adquiriu atitude blasé; ao contrário, os estímulos da metrópole acabam por convidar Expedito a voltar à vida, à interação, à sociabilidade. A música e as paixões o envolvem.

Ao investir no olhar, no observar, no ouvir, Expedito também acaba por se transformar em um de nós, convidando-nos a conhecer a cidade e seus moradores, a sermos, nós mesmos, transeuntes.



Imagem 10 – Transeunte-se (Fonte: Material de divulgação do filme)

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. *Coleção Grandes Cientistas Sociais*. In: KOTHE, Flávio R. (org.). São Paulo: Editora Ática, 1991.
- CAMARGO, Paulo. Transeunte é o melhor filme brasileiro de 2011 até agora. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/blog/centraldecinema/?id=1167091&tit=transeunte-e-o-melhor-filme-brasileiro-de-2011-ate-agora>. Acesso: 7 jun. 2012.
- CAÚLA, Adriana. A cidade utópica no cinema: a invenção de outros lugares. RUA – Revista de Urbanismo e Arquitetura. Volume 7, número 2 (2006). Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/rua/article/view/3168>. Acesso: 7 jun. 2012.
- CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa R. *O cinema e a invenção da vida moderna*. São Paulo: Cosac Naify, 2001.
- FITZMAURICE, Tony. Film and Urban Societies in a Global Context. In: SHIEL, Mark; FITZMAURICE, Tony. *Cinema and The City. Film and Urban Societies in a Global Context*. USA, Blackwell Publishers, 2001.
- LOS DEL BAILE. Direção: Nicolas Guillén Landrián. Cuba, 1965. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=7FEGOUT6-Yw>. Acesso: 10 fev. 2017.
- NAME, Leonardo. Escalas de representação: sobre filmes e cidades, paisagens e experiências. RUA – Revista de Urbanismo e Arquitetura. Volume 7, número 2 (2006). Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/rua/article/view/3172/2281>. Acesso: 7 jun. 2012.
- NOWELL-SMITH, Geoffrey. Cities: Real and Imagined. In: SHIEL, Mark; FITZMAURICE, Tony. *Cinema and The City. Film and Urban Societies in a Global Context*. USA, Blackwell Publishers, 2001.
- OLIVIERI, Silvana. A cidade nos documentários. RUA – Revista de Urbanismo e Arquitetura. Volume 7, número 2 (2006). Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/rua/article/view/3175>. Acesso: 7 jun. 2012.
- PRYSTHON, Angela; CUNHA, Paulo. Prefácio. *Ecos urbanos – A cidade e suas articulações midiáticas*. Porto Alegre, Sulina, 2008.
- RIBEIRO, Ana Paula Alves. *Novas conexões, velhos associativismos: projetos sociais em escolas de samba mirins*. 2009. 200 f. Tese de doutorado em Saúde Coletiva pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Medicina Social, Rio de Janeiro, 2009.
- RIBEIRO, Ana Paula Alves. Múltiplas Cidades: Representações do Rio de Janeiro no cinema e em outras mídias. *Revista Recine – Revista do Festival Internacional de Cinema de Arquivo*. Rio

de Janeiro, *capital do cinema*. Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, ano 10, número 10, p. 124-137, Novembro de 2013.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. O antropólogo na figura do narrador. *O tempo e a cidade*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2005.

ROZARIO, Denira. Sophia de Melo Breyner Andersen – 1919. *Palavra de Poeta – Portugal*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994.

SHIEL, MARK. Cinema and the City in History and Theory. In: SHIEL, Mark; FITZMAURICE, Tony. *Cinema and The City. Film and Urban Societies in a Global Context*. USA, Blackwell Publishers, 2001.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio (org.). *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

SOARES, Bernardo [PESSOA, Fernando]. *Livro do desassossego*. São Paulo: Ed. Cia das Letras, 2012.

THE END. Direção: Artavazd Pelechian. Armênia, 1991. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=u-v4kZPzZzY> Acesso: 10 fev. 2017.

TRANSEUNTE. Direção: Eryk Rocha. Produção Executiva: Walter Salles, Mauricio Andrade Ramos. Direção de Produção: Pimenta Jr. Brasil: Videofilmes, 125 minutos, Película, P&B, 2011.

TRANSEUNTE, de Eryk Rocha. Blog da produção. Disponível em: <http://transeunte09.blogspot.com.br/>. Acesso: 7 jun. 2012.

TRANSEUNTE, de Eryk Rocha. Site - Disponível em: <http://transeunte.com.br/>. Acesso: 7 jun. 2012.

TRANSEUNTE, de Eryk Rocha. Pôster e material de divulgação. Brasil: Videofilmes, 2011.

VASSY, Miguel. Pesquisa Fotográfica: Bares e Ruas. Disponível em:

<https://picasaweb.google.com/106028330807114135743/RuasAberturaReferencia>. Acesso: 7 jun. 2012.

[com/106028330807114135743/RuasAberturaReferencia](https://picasaweb.google.com/106028330807114135743/RuasAberturaReferencia). Acesso: 7 jun. 2012.

VASSY, Miguel. Pesquisa Fotográfica: Ruas Abertura Referências. Disponível em:

<https://picasaweb.google.com/106028330807114135743/RuasAberturaReferencia>. Acesso: 7 jun. 2012.

VASSY, Miguel. Pesquisa Fotográfica: Pintura Rupestre de Banheiros. Disponível em:

<https://picasaweb.google.com/106028330807114135743/TranseuntePinturaRupestreDeBanheiros>. Acesso: 7 jun. 2012.

VASSY, Miguel. Pesquisa Fotográfica: Ruas Expedito. Disponível em:

<https://picasaweb.google.com/106028330807114135743/RuasExpedito#>. Acesso: 7 jun. 2012.

VIANNA, Hermano. Ternura e atitude blasé na Lisboa de Pessoa e na Metrópole de Simmel. In: VELHO, Gilberto (org.). *Antropologia Urbana – Cultura e Sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.